

UM MECANISMO DE COESÃO: A ELIPSE*

Renira Lisboa de Moura Lima**

Resumo: Com base em textos jornalísticos de tipos e autores diferentes, classifica-se a elipse e enunciam-se regras que orientam o seu emprego em textos ampliados ou reduzidos, contribuindo-se, assim, não só para o ensino, mas sobretudo para a avaliação da escrita/reescrita.

Palavras-chave: elipse – ensino e avaliação da escrita/reescrita.

Nas gramáticas tradicionais, nos manuais de ensino e nas aulas de língua portuguesa, tratam-se isoladamente os conteúdos. Tal fragmentação, porém, não ocorre no desenvolvimento de textos escritos, pois a compreensão e a aplicação dos mecanismos de coesão, especificamente a elipse, objeto deste artigo, vão requerer uma integração intradisciplinar de conteúdos morfossintáticos, entre os quais podem ser destacados a estrutura do período, os termos da oração e as classes de palavras. Para isso, torna-se necessário saber como se utiliza a elipse na seqüenciação textual, entre orações, períodos e parágrafos, para distinguir e descrever-lhes as situações de uso, enunciando-se regras que sirvam de critério não só para a escrita e reescrita de textos ampliados ou reduzidos, mas também para o processo de avaliação dessas duas atividades, ultrapassando-se, assim, a prática tradicional de correção de textos escritos, baseada apenas em normas ortográficas e em regras morfossintáticas – concordância, regência e colocação pronominal. Dessa forma, pretende-se

* Trata-se de uma versão ampliada da comunicação "Mecanismos de coesão" apresentada no II Congresso Internacional da ABRALIN (Fortaleza, 13-16 de março de 2001).

** Professora-adjunta do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Livre-docente em Ensino da Língua Portuguesa (UFAL). Mestre em Educação (UFBA).

que se forneçam subsídios para o ensino da leitura e da escrita, no nível da microestrutura textual.

CONCEITO

A elipse é incluída, de um modo geral, entre as figuras de estilo (construção por omissão) ou entre as figuras de sintaxe, sendo definida como a “omissão de um termo que o contexto ou a situação permitem facilmente suprir”, uma lacuna na estrutura frásica, uma forma de “coesão significativa condicionada pelo contexto geral e pela situação” (Cunha & Cintra, 1985, p.602), substituta da coesão gramatical. Tanto nessa definição quanto na de Bechara (1999, p.592) – “Chama-se *elipse* a omissão de um termo facilmente subentendido por faltar onde normalmente aparece ou por ter sido anteriormente enunciado ou sugerido, ou ainda por ser depreendido pela situação ou contexto” – pode-se intuir a natureza não só exofórica, ou dêitica, mas também endofórica da elipse.

Se não há polêmica nessa conceituação, pois os autores destacam, como característica da elipse, a facilidade de identificação do segmento omitido, pelo leitor ou ouvinte – o vocábulo omitido, “presente no espírito da pessoa que fala”, pode “ser suprido sem esforço pela inteligência do ouvinte” (Ali, 1969, p.217) –, alguns estudiosos, por outro lado, fazem uma distinção entre a elipse e a zeugma: esta é considerada como um tipo de elipse, “uma elipse especial” (Tavares, 1991, p.338), que se dá “quando se subentende um termo já expresso anteriormente (Cruz, s. d., p.140), isto é, quando há participação, em dois ou mais enunciados, de “um termo expresso apenas em um deles” (Cunha & Cintra, 1985, p.606-7). A palavra, já “expressa em determinada parte do período, é subentendida em outra(s) parte(s) posterior(es) ou anterior(es) àquela” (Ferreira, 1999, p.2105).

Nesse caso, distingue-se a zeugma simples – o termo omitido é exatamente o mesmo já empregado – da zeugma complexa, quando há mudança de flexão do termo expresso anteriormente, destacando-se que, “com muita freqüência o termo zeugma se aplica à zeugma complexa” (Cunha & Cintra, 1985, p.606-7). Aliás, é essa a definição apresentada por Ali (1969, p.217): “O termo subentendido pode ter forma flexional diferente da do termo mencionado pouco antes. A este caso de elipse damos o nome de ZEUGMA”. Assim, depreende-se que, para esses autores, a elipse seria exofórica; a zeugma, endofórica. Como não há divergência quanto à classificação da zeugma como um tipo de elipse e como o termo hiperônimo (elipse) contém o termo hipônimo (zeugma), só se utiliza, neste artigo, o termo elipse.

A elipse pode ocorrer nos diversos termos da oração, inclusive em conectivos, simplificando a frase, “libertando-a de dizeres desnecessários à compreensão” (Ali, 1969, p.217). Trata-se, assim, de um recurso condensador da expressão; daí seu emprego, mesmo na linguagem cotidiana, em enunciados concisos ou de efeito rítmico rápido, como provérbios, divisas, versos, resumos, orações comparativas, nomes de produtos comerciais, textos de propaganda. Além disso, a elipse contribui para a ampliação do léxico, pois de seu uso decorrem inúmeros casos de derivação imprópria (Cunha & Cintra, 1985, p.602).

CLASSIFICAÇÃO

Se, tradicionalmente, a elipse é vista apenas como um recurso morfossintático e estilístico, na Linguística Textual passa a ser considerada como um processo utilizado na elaboração de texto, um mecanismo de coesão¹ referencial, em que o item pressuponente elíptico (*substituens*) só pode ser interpretado semanticamente graças tanto à presença dos pressupostos, os outros itens explicitados (Koch, 1991, p.20), os *substituenda*, quanto ao conhecimento da situação ou do contexto.

Tais condições para a interpretação do *substituens* também estão presentes na pronominalização. Se, nesse mecanismo de coesão, uma expressão lingüística (*substituendum*) – item lexical, item gramatical, sintagma, oração, período e parágrafo – pode ser substituída explicitamente por outra (*substituens*), na elipse vai haver a omissão do *substituens*, facilmente recuperável pelo leitor com base no contexto (exófora) ou no *substituendum* explícito (endófora). Dessa forma, a elipse é considerada “uma substituição zero” (Koch, 1991, p.22), *um substituens zero*, ou seja, a omissão do *substituens*.

Assim, por analogia com a pronominalização, propõe-se aqui esta classificação para a elipse, aplicando-se os critérios da classe de palavras, da explicitação do *substituendum* e da colocação do *substituens zero* em relação ao *substituendum*. Quanto à classe de palavra do *substituendum*, a elipse classifica-se como “lexical” (*substituendum* substantivo, adjetivo ou verbo); “gramatical” (*substituendum* modificador – pronomes-adjetivos), verbo (de ligação ou auxiliar), conectivo (preposição, conjunção, pronome relativo) ou um constituinte de locuções prepositivas ou conjuntivas; ou “léxico-gramatical” (omissão simultânea de verbo e conectivo); quanto à explicitação do *substituendum*, a elipse pode ser “exofórica”, ou dêitica, e “endofórica”; e quanto à colocação do *substituens* em relação ao *substituendum*, a elipse endofórica se subdivide em “anafórica” (*substituendum* já dito) ou “catafórica” (*substituendum* a ser dito).

A aplicação consciente desse mecanismo de coesão referencial vai depender do alcance de dois objetivos: a) identificar as situações de uso da elipse; e b) distinguir as situações em que a elipse é obrigatória, optativa, indevida ou inadequada. Do primeiro decorre a descrição das situações de uso da elipse; do segundo, a enunciação de regras que sirvam de critério não somente para a produção de textos ampliados ou reduzidos, mas principalmente para a avaliação da escrita/reescrita, ultrapassando-se, dessa forma, a prática tradicional da correção de textos escritos, baseada apenas em normas ortográficas e em regras morfossintáticas (concordância, regência, colocação pronominal, pontuação).

METODOLOGIA

Para a elaboração das regras do uso da elipse, fez-se um estudo preliminar,

¹ Relaciona-se o uso dos mecanismos de coesão textual às intenções do autor, pois “a exploração de alguns fatores em detrimento de outros evidencia a constituição peculiar de cada

texto, caracterizando conseqüentemente seu produtor” (Fávero, 1991, p.41).

cujos resultados aqui se apresentam, seguindo-se os passos: 1) seleção das fontes do *corpus* representadas por textos de jornais (*Folha de S.Paulo, Jornal do Brasil e Gazeta de Alagoas*) e de revistas de circulação nacional (*Saúde e Domingo, um encarte do Jornal do Brasil*), variados quanto ao tipo e ao autor; 2) seleção do *corpus* constituído de 44 períodos com elipse; 3) determinação das variáveis: períodos e orações (subordinadas e não-subordinadas), isolados ou seqüenciados; função sintática do termo motivador da elipse, o *substituendum* (destacado em itálico nos exemplos) e do termo elíptico (apresentado em itálico, entre colchetes); 4) aplicação, na análise dos dados coletados, das categorias definidas na classificação da elipse; 5) submissão dos casos encontrados à avaliação de dois juízes independentes, professores de Língua Portuguesa, com uma longa experiência docente, um dos quais helenista e latinista respeitável, quanto à obrigatoriedade, à possibilidade da alternativa de construção elíptica e não-elíptica, à impossibilidade e à inadequação do uso da elipse, à aceitação da elipse dêitica e da recorrência desse processo.

RESULTADOS

Os juízes consideraram a elipse lexical *obrigatória* nas seguintes circunstâncias:

I. Sendo “anafórica”, quando os termos *substituendum* e *substituens* zero têm a mesma função sintática de sujeito de predicados diferentes, o *substituendum* aparece no primeiro elemento da seqüência, ficando elíptico nos demais (exemplos 1-3); e, independentemente da função sintática do *substituendum* presente na primeira oração da seqüência, o *substituens* zero tem a função sintática de sujeito (exemplos 4 e 5), em que se passa de um *substituendum* adjunto adnominal (*do estoicismo*) e de um *substituendum* objeto indireto (ao homem) a um *substituens* zero com a função sintática de sujeito elíptico:

1. *A fruta* pode ser utilizada ainda verde, para o preparo de doces, e madura, para ser consumida ao natural. [*A fruta*] Contém bom teor de potássio e vitaminas A e C.

2. Um milhão de pessoas visitam o local e [*um milhão de pessoas*] pagam ingresso de 30 pesos.

3. Já a maior catedral da América Latina, *cuja construção* começou em 1567 e [*cuja construção*] levou 250 anos, abriga obras de arte da época colonial.

4. A grande sabedoria do *estoicismo* está em [*o estoicismo*] parecer acatar os infortúnios quando no fundo [*o estoicismo*] luta contra eles.

5. “Sobre a Providência Divina” (“De Providentia”) e “Sobre a Firmeza do Homem Sábio” (“De Constantia Sapientis”), reunidos em edição bilíngüe pela Nova Alexandria, pregam o contrário da resignação e da passividade: uma curiosa tática de guerra contra o destino, o que resta ao *homem* para [*o homem*] enganar os deuses e [*o homem*] enfrentá-los em pé de igualdade: “Ser invencível, ser um homem contra quem o destino nada possa, é zelar pelo interesse da raça humana”.

II. Sendo “catafórica”, o *substituens* e o *substituendum* dependem de um mesmo núcleo com a mesma função sintática: sujeito posposto (exemplo 6),

objeto direto (exemplos 7 e 8) ou indireto (exemplo 9), adjunto adverbial (exemplo 10), complemento nominal (exemplos 11 e 12) e adjunto adnominal (exemplo 12):

6. O Havai para o mundo: são 75 aeroportos, nas principais cidades do planeta, que vêm, em suas pistas, aterrizar [vôos regulares e contínuos] e decolarem vôos regulares e contínuos, carregados de turistas para a grande Ilha, no Havai. (mesmo sujeito para dois núcleos de predicado)

7. ...depois de apresentar [o influxo do cinema sobre Borges] e comentar, nessa primeira parte do livro, o influxo do cinema sobre Borges. (objeto direto)

8. ...tal conhecimento só pode favorecer [o talento de que já dispõe] e expandir o talento de que já dispõe. (objeto direto)

9. ...reduz a vida inteira de um homem a duas [cenas] ou três cenas. (objeto indireto)

10. ...eu lhe aconselho a leitura do livro, seja nessa [edição] ou em outra edição.² (adjunto adverbial)

11. A TAM adquiriu dois simuladores de vôo para treinamento [de seus pilotos] e para reciclagem de seus pilotos. (complemento nominal)

12. A sua (do equipamento) chegada é um investimento de U\$30 milhões da empresa canadense CAE, que será a responsável pela instalação [do equipamento] e pela infraestrutura do equipamento no Brasil. (complemento nominal de instalação e adjunto adnominal de infra-estrutura)

III. Se “anafórica” ou “catafórica”, o que ocorre nas orações subordinadas reduzidas, o *substituens* tem a função de sujeito, independentemente da colocação do *substituendum* (exemplos 13 a 16):

13. Se você não entendeu por que o médico receitou certo remédio, qual a razão de determinado tratamento ou qual o significado do diagnóstico, não se acanhe em perguntar tudo, até que não reste mais nenhuma dúvida. É um direito seu. Se notar cara feia ou má vontade de [o médico] explicar, mude de médico. (anáfora)

14. Mais tarde, os conquistadores espanhóis construíram a cidade [os conquistadores espanhóis] utilizando pedras de tempos. (elipse anáfora)

15. Por [as infusões] serem mais naturais do que o chá – [as infusões] têm pouca ou nenhuma cafeína – as infusões estão se popularizando. (catáfora)

16. Por meio do despojamento e da vida de acordo com a natureza, em vez de [o estóico] se deixar subjugar pelo destino, o estóico adianta-se a ele, [o estóico] procura antes projetar a própria vida num exercício permanente que vai até a forma da sua morte. (catáfora e anáfora)

A elipse gramatical foi considerada *optativa* nos seguintes casos:

I. Em seqüências coordenadas de sintagmas preposicionais (SP), introduzindo termos da oração com função sintática de complemento nominal e de adjunto adnominal ou adverbial, dependentes de um mesmo núcleo: o *substituendum* gramatical (conectivo prepositivo isolado ou acompanhado de artigo) aparece no primeiro elemento da série, sendo

² Nos exemplos 9 e 10, a elipse é obrigatória; o que é optativo é o uso da anáfora ou da catáfora, admitindo-se, assim, as construções: ...reduz a vida inteira de um homem a duas cenas

ou três [cenas] e ... eu lhe aconselho a leitura do livro, seja nessa edição ou em outra [edição].

elíptico nos demais (exemplos 17-22), em que a forma original, com elipse, é seguida da forma sem elipse:

17. As misturas *de* frutas, [*de*] ervas e [*de*] especiarias são infusões./ As misturas de frutas, de ervas e de especiarias são infusões.

18. A TAM adquiriu dois simuladores de vôo *para* treinamento e [*para*] reciclagem dos seus pilotos./ A TAM adquiriu dois simuladores de vôo para treinamento e para reciclagem dos seus pilotos.

19. A sua chegada é um investimento de U\$30 milhões da empresa canadense CAE, que será a responsável *pela* instalação e [*pela*] infra-estrutura do equipamento no Brasil./ A sua chegada é um investimento de U\$30 milhões da empresa canadense CAE, que será a responsável pela instalação e pela infra-estrutura do equipamento no Brasil.

20. Mesmo assim, recomenda-se tomar cuidado *com* dinheiro e [*com*] câmeras, evitar andar sozinho e pegar táxis nas ruas, fora de pontos credenciados, especialmente à noite./ Mesmo assim, recomenda-se tomar cuidado com dinheiro e com câmeras, evitar andar sozinho e pegar táxis nas ruas, fora de pontos credenciados, especialmente à noite.

21. Mudei de hábitos *para* permanecer viva, [*para*] continuar a trabalhar e [*para*] cumprir a vida na Terra./ Mudei de hábitos para permanecer viva, para continuar a trabalhar e para cumprir a vida na Terra.

22. Martha Graham (1894-1991), coreógrafa que rompeu *com os limites* e [*com as*] restrições do balé clássico .../ Martha Graham (1894-1991), coreógrafa que rompeu com os limites e com as restrições do balé clássico...

II. Nas locuções prepositivas, o *substituendum* aparece no primeiro elemento da série coordenada, podendo haver a forma com elipse (integral ou parcial) e a forma sem elipse, apresentadas em seqüência no exemplo 23:

23. Numa longa conversa, ela fala do momento de transformações, [*do momento de*] limpeza, [*do momento de*] restauração que vive aos 50 anos de idade./ Numa longa conversa, ela fala *do momento de* transformações, [*do momento*] de limpeza, [*do momento*] de restauração que vive aos 50 anos de idade./ Numa longa conversa, ela fala do momento de transformações, do momento de limpeza, do momento de restauração que vive aos 50 anos de idade.

III. Nos casos em que o *substituendum* é um verbo auxiliar acurativo (exemplos 24 e 25), ou um verbo de ligação (exemplo 26):

24. Em lugares como Abrolhos e Fernando de Noronha, *poderei* ver tubarão e [*poderei*] nadar com golfinhos./ Em lugares como Abrolhos e Fernando de Noronha, poderei ver tubarão e poderei nadar com golfinhos.

25. Sou econômica e *teria como sobreviver* sem meu trabalho, mas não [*teria como sobreviver*] sem a minha arte./ Sou econômica e teria como sobreviver sem meu trabalho, mas não teria como sobreviver sem a minha arte.

26. No Havaí, as praias *são* de areias brancas. As águas, [*são*] cristalinas, o que não é comum no Pacífico./ No Havaí, as praias são de areias brancas. As águas são cristalinas, o que não é comum no Pacífico.

IV. No *substituendum* pronome relativo das orações adjetivas que ampliam o mesmo núcleo (exemplo 27):

27. À primeira vista, ela [a Cidade do México, capital do México] pode parecer mais uma grande metrópole *que* abriga cerca de 20 milhões de pessoas e [*que*] tem o trânsito quase sempre congestionado./ À primeira vista, ela [a Cidade do México, capital do México] pode parecer mais uma grande metrópole que abriga cerca de 20 milhões de pessoas e que tem o trânsito quase sempre congestionado.

V. No caso de um aposto a um SP, aceitou-se a possibilidade da elipse com apagamento da preposição e/ou do núcleo, mantendo-se apenas ou o adjunto adnominal ou o núcleo além da alternativa sem elipse (exemplo 28):

28. Navegando *em mar* tranqüilo, [*em mar*] de almirante./ Navegando *em mar* tranqüilo, [*em*] mar de almirante./ Navegando *em mar* tranqüilo, em mar de almirante.

A elipse gramatical foi considerada *indevida* – devendo recorrer-se à reiteração do *substituendum* gramatical – nos seguintes casos:

I. Mudança do conectivo coordenativo ou prepositivo, reiterando-se o conectivo coordenativo, para indicar-se outra relação lógica. É o caso do exemplo 29: muda-se o conectivo coordenativo aditivo – após o qual foi possível a elipse gramatical optativa do pronome relativo *que* – selecionando-se o conectivo coordenativo adversativo *mas*, depois do qual se voltou a usar *obrigatoriamente* o pronome relativo *que*:

29. Realmente, parece que há uma plantinha *que* germina e [*que*] promete frutos generosos, *mas que* é ainda muito frágil./ Realmente, parece *que* há uma plantinha *que* germina e *que* promete frutos generosos, *mas que* é ainda muito frágil.

II. Exigência estrutural: a reiteração do conectivo prepositivo é determinado pela regência – o *substituendum* pronome relativo *que*, usado após a preposição *em* é repetido após o uso de outra preposição *com* (exemplo 30):

30. Julgo que ideal seja aquele livro que você, leitor, possa se reconhecer, se identificar (sic).³/ Julgo que ideal seja aquele livro *em* que você, leitor, possa se reconhecer, *com que* se possa identificar.

Os juízes consideraram *inadequado* o uso da elipse – muito freqüente na língua oral, mesmo de pessoas com alto nível de escolaridade – em situações em que não se deve recorrer ao *substituens* zero, mas a outro recurso de coesão referencial, como a pronominalização e a reiteração lexical.

³ No período original desse exemplo, retirado de um recorte do jornal local *Gazeta de Alagoas*, a mim remetido sem outras referências, o uso da elipse – tanto do verbo auxiliar acurativo (*possa*) quanto dos conectores (pronome relativo *que* e preposições *em* e *com*) – é indevido. Por isso, no período reescrito, foram acrescentados, em itálico, não só o verbo auxiliar e os pronomes, mas sobretudo as preposições

determinadas pela regência dos verbos: *identificar-se com* e *reconhecer em* (Luft, 1987, p.333 e 438) que não foram utilizadas no exemplo original. O fenômeno da omissão da preposição que antecede o pronome relativo que introduz as orações subordinadas adjetivas vem-se tornando cada vez mais freqüente no português do Brasil, tanto na língua oral quanto na língua escrita.

I. No sujeito do infinitivo, na chamada construção de “acusativo com infinitivo” (exemplos 31 a 34):

31. Para combater pálpebras inchadas, uma receitinha infalível: umedeça dois chumaços de algodão em leite frio e coloque *esta compressa* sobre os olhos. Deixe [*esta compressa*] descansar por uns 10 minutos e depois retire [*esta compressa*]./ Para combater pálpebras inchadas, uma receitinha infalível: umedeça dois chumaços de algodão em leite frio e coloque *esta compressa* sobre os olhos. Deixe-a descansar por uns 10 minutos e depois retire-a.

32. Tire a polpa do abacate, amasse-a bem com um garfo e massageie os cabelos com *essa pasta*. Coloque uma touca de plástico, deixe [*essa touca*] agir por 1 hora e depois lave [*os cabelos*] com xampu neutro./ Tire a polpa do abacate, amasse-a bem com um garfo e massageie os cabelos com *essa pasta*. Coloque uma touca de plástico, deixe-a agir por 1 hora e depois lave-os com xampu neutro.

II. No predicativo do sujeito em que se pode usar tanto a pronominalização quanto a reiteração lexical (exemplo 33). Na forma originalmente encontrada, o predicativo do sujeito está elíptico, mas a pronominalização⁴ é o recurso indicado para essa construção:

33. O que se vê nas gôndolas de supermercado vendido *como chá*, muitas vezes, não é [*chá*]./O que se vê nas gôndolas de supermercado vendido *como chá*, muitas vezes não o é./O que se vê nas gôndolas de supermercado vendido *como chá*, muitas vezes não é *chá*.

III. Em outros termos da oração – adjunto adverbial (exemplo 34, em que se usa inadequadamente a elipse catafórica lexical, quebrando-se a exigência estrutural de só serem coordenados termos de mesma natureza). O verbo *curtir*, usado como gíria, significa *gozar, desfrutar, deleitar-se* (Ferreira, 1999, p.596; Michaelis, 1998, p.628), é transitivo direto; o verbo *brincar* é intransitivo, admitindo a preposição *com* para introduzir adjuntos adverbiais de instrumento ou de companhia:

34. ...aí sim é possível tentar curtir e brincar com os movimentos que você já domina ... / ... aí sim é possível tentar curtir os movimentos e brincar com aqueles que você já domina...

Os juízes admitiram a coexistência de várias formas de elipse num mesmo período (exemplos 35 a 43):

35. A TAM adquiriu dois simuladores de vôo *para* treinamento [*de seus pilotos*] e

⁴ Essa pronominalização em que o pronome *o* (demonstrativo), de valor neutro, substitui uma palavra (adjetivo ou substantivo), uma expressão ou uma proposição, exercendo a função sintática de objeto direto ou de predicativo do sujeito, está praticamente desaparecida no português do Brasil, tanto oral quanto escrito, e soa, para o brasileiro como uma construção muito pedante, sendo, por isso, usada em situações de humor, ou em jogos de palavras, como fez o poeta brasileiro,

membro da Academia Brasileira de Letras, o epigramatista Emílio de Meneses (1866-1918), jogando inteligentemente com a ambigüidade no nível fônico e morfossintático, ao responder a um amigo que lhe perguntara se sabia o que era mais belo no corpo de uma mulher: “sei-o”, utilizando, como é gramaticalmente esperado, o pronome *o*, neutro, referindo-se à expressão “o que era mais belo no corpo de uma mulher” (Lima, 1998, p.89).

[*para*] reciclagem *de seus pilotos*. (Elipses: anafórica, do conectivo prepositivo *para*, e catafórica, do SP complemento nominal [*de seus pilotos*].)

36. A sua (do equipamento) chegada é um investimento de U\$30 milhões da empresa canadense CAE, que será a responsável *pela* instalação [*do equipamento*] e [*pela*] infraestrutura *do equipamento* no Brasil. (Elipses anafórica – do conectivo *por* combinado ao artigo definido *a* –, e catafórica, do SP complemento nominal *do equipamento*.)

37. Há também um tipo de *cactus*⁵ comestível, os *nopales*.⁶ [*Esse cactus*] É usado em saladas ou em forma de bife, quando as folhas são cortadas, [*são*] assadas ou [*são*] cozidas, com cebolas, [*com*] ervas, [*com*] pimenta e [*com*] tomate. (Elipses anafóricas: lexical, de um sujeito, cujo *substituendum* – *cactus* – se apresenta como um SP adjunto adnominal de um objeto direto; e gramatical reiterada, do verbo auxiliar de voz passiva – *são* – e do conectivo prepositivo – *com*.)

38. Em 1966, Borges ministrou 25 aulas de literatura inglesa na Universidade de Buenos Aires, *que foram* gravadas e [*que foram*] depois transcritas pelos próprios alunos ... (Elipses gramaticais: a do pronome relativo *que* e a do verbo *ser*, como auxiliar da voz passiva, *foram*.)

39. Mas nessa parede havia uma *estante* que me chamou atenção *por sua* beleza e [*por sua*] solidez: [*a estante que me chamou a atenção*] estava repleta de livros, com suas lombadas multicoloridas. (Elipse anafórica gramatical do conectivo *por* e do pronome possessivo *sua*; e uma elipse anafórica léxico-gramatical do sujeito cujo *substituendum* anterior exercia a função de objeto direto e cujo núcleo *estante* está ampliado com um artigo *um* e uma oração subordinada adjetiva restritiva *que me chamou a atenção*.)

40. Quem são e como se formou o paladar dessas crianças *que* não recusam novidades nos cardápios e [*que*] apreciam a *culinária* tailandesa, [*a culinária*] chinesa, [*a culinária*] árabe. (Elipse anafórica gramatical do pronome relativo (*que*) e uma elipse anafórica léxico-gramatical do núcleo de uma série coordenada de objetos diretos (*culinária*) e de seu determinante, o artigo definido *a*, mantendo-se explícitos apenas os adjetivos, adjuntos adnominais, com papel de especificador.)

41. Você *larga* o vício da nicotina, [*larga o vício*] do alcatrão, [*larga o vício*] do álcool, [*larga o vício*] da droga, mas o [*vício*] da paixão é impossível [*você largar*]. (Há, na série coordenada – assindética, de valor aditivo – de predicados com núcleo idêntico *larga* seguido de objetos diretos com o mesmo núcleo (*vício*), uma elipse lexical anafórica, a partir da segunda entrada; mantêm-se explícitos, entretanto, no objeto direto, os adjuntos adnominais SP, diferentes, por especificarem o tipo de vício. Como houve uma mudança da natureza da coordenação, revelada pelo conectivo coordenativo *mas*, deu-se a pronominalização do núcleo *vício*, com o pronome-substantivo demonstrativo *o*; por sua vez, o núcleo do predicado *substituendum larga* apresenta-se elíptico como sujeito oracional da locução “*é impossível*”. Desfazendo-se a elipse léxico-gramatical, isto é, fazendo-se a reposição dos termos elípticos *você*, *largar*, o verbo deverá aparecer na forma nominal de infinitivo *largar*, por tratar-se de uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo.)

42. Estou fazendo o disco, [*estou*] refazendo amigos e [*estou refazendo*] minha carreira musical. (Observa-se um aumento do número de termos que vão sofrendo elipse: o auxiliar, primeiramente – elipse gramatical de um termo; e toda a locução verbal, em seguida – elipse léxico-gramatical de dois termos.)

43. E o que diferencia os *chás preto e verde* é a forma de fabricação. O [*chá*] preto é fermentado, como o vinho tinto. [*O chá preto*] Tem cor acobreada ou avermelhada. O [*chá*]

5 Em latim, no original.

6 Em itálico, no original.

verde não passa pela oxidação, [o chá verde] tem cor de palha, [tem] sabor suave e [o chá verde] é levemente amargo. (O *substituendum* objeto direto composto [os chás preto e verde] passa, na progressão da apresentação do assunto, à função sintática de dois sujeitos simples, elípticos, autônomos, desfazendo-se a coordenação anterior entre os dois sintagmas.)⁷

Foi aceita pelos juizes a elipse dêitica, que ocorre, numa seqüência de orações coordenadas, sem a explicitação do *substituendum* em nenhuma delas, exigindo, então, que se tenha um conhecimento direto (experiência de vida) ou indireto (experiência transmitida). É o que comprova o título de um texto jornalístico (exemplo 44), em que se omitiu o sujeito.

44. [O ser vivo] Nasce, cresce, morre, nasce, cresce...

CONCLUSÃO

Com a análise dos resultados apresentados, verificou-se, então, que o uso da elipse em séries coordenadas:

- É “obrigatório” na elipse “lexical anafórica” (o *substituendum* e o *substituens* zero têm a mesma função de sujeito em predicados diferentes; ou o *substituens* zero é sujeito independentemente da função sintática do *substituendum*); e na “lexical catafórica” (o *substituendum*, que aparece na última oração, e o *substituens* têm a mesma função sintática); se “anafórica ou catafórica” (o *substituendum* e o *substituens* zero exercem a função de sujeito nas orações subordinadas reduzidas).

- É “optativo” na “elipse gramatical”, para os conectivos e para os verbos: *ser* (de ligação ou auxiliar na formação da voz passiva analítica); *ter* e *haver* (auxiliares na formação de tempos compostos); e auxiliares acurativos.

- É “indevido” quando há mudança de conectivo por exigência da relação lógica ou por exigência estrutural; e “inadequado”, quando se dá em situação de uso do recurso da pronominalização ou da reiteração lexical. Em ambos os casos, muito freqüentes na língua oral, não se afeta a compreensão.

A elipse “dêitica”, pouco freqüente, depende da existência de um conhecimento (direto ou indireto) que dispensa a explicitação do *substituendum*. Há possibilidade de coocorrência de elipses reiterando-se num mesmo tipo ou em tipos diferentes.

⁷ Dá-se, primeiramente, uma elipse anafórica do núcleo do sujeito, seguida da elipse catafórica de todo o sintagma sujeito. No *substituendum* objeto direto, o núcleo do sintagma nominal é um substantivo no plural, combinando em si dois tipos de chá especificados nos adjuntos adnominais em forma de adjetivo (*preto* e *verde*). No desenvolvimento das idéias, isto é, na seqüência textual,

esses dois tipos de chá vão orientar a construção textual, em duas ramificações, cada uma referente a um dos tipos de chá referidos. Separados, cada um deles vai ser designado por um adjetivo substantivado (*derivação imprópria*), graças à elipse do núcleo *chá*. A elipse do sintagma integral ocorre a seguir até que se mude de foco, repetindo-se tal processo com o outro tipo de chá, o chá verde.

Referências bibliográficas

- ALI, S. M. *Gramática secundária da língua portuguesa*. 8.ed. rev. e com. por Evanildo Bechara. São Paulo: Melhoramentos, 1969.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37.ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- CRUZ, J. M. da. *Português prático: gramática*. 28.ed. São Paulo: Melhoramentos, s. d.
- CUNHA, C., CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- FÁVERO, L. L. *Coesão e coerência textual*. São Paulo: Ática, 1991.
- FERREIRA, A. B. de H. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3.ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- KOCH, I. V. *A coesão textual*. 3.ed. São Paulo: Contexto, 1991.
- LIMA, R. L. de M. Sobre a conjugação verbal em sala de aula. *Leitura*, Maceió: EDUFAL, n.21, p.81-104, jan./jun. 1998.
- LUFT, C. P. *Dicionário prático de regência verbal*. São Paulo: Ática, 1987.
- MICHAELIS. *Moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1998.
- TAVARES, H. *Teoria literária*. 10.ed. rev. e atual. Belo Horizonte: Villa Rica, 1991.

Abstract: Based on newspaper texts, from different writers and of different types, ellipsis is classified and rules of its use presented in order to contribute to the teaching and evaluation of written and rewritten texts.

Keywords: ellipsis – teaching and evaluation of written/rewritten texts.

